

Muito
além
do
arco-íris

amor, sexo e relacionamentos
na terapia homoafetiva

Klecius Borges

edições
GLS

MUITO ALÉM DO ARCO-ÍRIS
Amor, sexo e relacionamentos na terapia homoafetiva
Copyright © 2013 by Klecius Borges
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Editora assistente: **Salete Del Guerra**
Capa: **Buono Disegno**
Imagem da capa: **Kudryashka/Shutterstock**
Projeto gráfico e diagramação: **Crayon Editorial**
Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

Edições GLS

Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 – 7º andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
Fax: (11) 3872-7476
<http://www.edgls.com.br>
e-mail: edgls@edgls.com.br

Atendimento ao consumidor
Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado
Fone: (11) 3873-8638
Fax: (11) 3873-7085
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

Introdução	11
PARTE 1 Terapia	13
Felizes para sempre	14
O medo de amar	18
O gênero ao quadrado	22
Monogamia e exclusividade sexual	26
A identidade dividida	30
Asas do desejo	36
A dor da traição	41
Dinâmicas perversas	46
Quando o amor acaba	51
Só e feliz	55
Quando um não quer	60
Quando uma não quer	65
Amores plurais	70
Quando contar	75
Luto sem fim	80
Só com machos	86

PARTE 2 Outras narrativas	91
Atração fatal	92
Ninguém quer nada sério	95
Só os maduros	98
Mar de ressentimentos	101
Quando o tesão acaba	105

Introdução

Em minha prática clínica, predominantemente voltada para gays, lésbicas, bissexuais e seus familiares, as questões sobre relacionamentos são talvez as mais frequentes. Acredito não ser muito diferente em outras clínicas, mas no meu caso há uma particularidade: gays, lésbicas e bissexuais, ao contrário dos heterossexuais, não encontram nas livrarias, no cinema ou na televisão muitas referências ou representações sobre a natureza de seus relacionamentos – que, por razões óbvias, têm características e desafios bastante diferentes daqueles que seguem a heteronormatividade.

Por mais que certas questões relacionais sejam comuns a todos os indivíduos e casais, afirmar que casais são casais, não importando sua orientação e identidade sexual, é no mínimo um reducionismo. Para mim, essa atitude é inaceitável.

Essa afirmação desconsidera as dinâmicas psíquicas e sociais envolvidas nas vivências e experiências de indivíduos e casais submetidos a uma cultura não apenas heteronormativa, mas muitas vezes opressora e dominada, ainda hoje, por práticas e atitudes fortemente discriminatórias.

Questões como autoaceitação, visibilidade social, homofobia, visão patológica da sexualidade e preconceito em relação ao casamento entre pessoas do mesmo sexo e à homoparentalidade, entre outras, além de específicas desse grupo, carregam em si um elevado teor emocional que requer, a meu ver, uma escuta distinta.

Já as questões ligadas à afetividade e à sexualidade, propriamente ditas, embora comuns a todos, não importando a orientação sexual, neste grupo apresentam peculiaridades, dilemas e desafios próprios de uma natureza de relacionamento fundada na duplicidade de gênero. Porém, por falta de modelos aceitos e reconhecidos no âmbito social, tais indivíduos se espelham ainda nos padrões e modelos heterossexuais.

Os casos aqui relatados são, por razões didáticas, uma mistura de histórias e de pacientes e, portanto, não se referem a nenhum indivíduo real em particular. Os nomes e as idades também são fictícios. É importante destacar que os textos da segunda parte desta obra foram publicados na revista *G Magazine*.

Terapia

PARTE 1

“Pois os olhos são os espíões do coração. E vão investigando o que agradaria a este possuir. E quando entram em pleno acordo e, firmes, os três em um só se harmonizam, nesse instante nasce o amor perfeito.”

GUIRAUT DE BORNEILH

Felizes para sempre

Não sei o que aconteceu conosco. No início do nosso relacionamento, não conseguíamos nos desgrudar um do outro. Parecia que eu tinha finalmente encontrado minha cara-metade, como se tivéssemos sido mesmo feitos um para o outro. Depois de alguns anos, fomos nos estranhando e nos afastando mais e mais. Tudo que no começo parecia nos ligar passou a ser motivo de brigas e de conflitos. Como pudemos deixar de nos amar e nos tornarmos dois estranhos? Onde foi que erramos?

LUCIANO, 34 ANOS

■ Luciano não está sozinho na dor de sua frustração. Como a maioria de nós, passou a vida acreditando que bastava encontrar sua cara-metade para ser feliz para sempre. Viu no cinema e nas novelas o final feliz reservado a todos aqueles que se dedicam, com afinco e determinação, a fazer dar certo um encontro que imaginam não ser fruto do acaso, mas sim de um destino traçado pelos deuses.

A ideia de uma alma gêmea que vaga, assim como a nossa, em busca da completude, carregando em si o poder de satisfazer todas as nossas necessidades emocionais, sexuais e espirituais, está na raiz de grande parte da frustração e da sensação de fracasso que sentem muitos indivíduos que chegam ao consultório psicológico.

A queixa do Luciano reflete não apenas sua frustração com o relacionamento que esfriou, mas, sobretudo, sua profunda perplexidade diante de uma realidade imponderável para a qual não estava preparado. Para ele, o projeto de conjugalidade, longamente arquitetado e aguardado com ansiedade, fracassou de forma inesperada, sem que ele consiga articular de modo claro os verdadeiros motivos do fracasso.

O que aconteceu com Luciano e seu companheiro ocorre todos os dias com homens e mulheres, héteros e gays. Quando nos apaixonamos, projetamos sobre o outro nossas fantasias, expectativas, esperanças em relação ao amor e à vida a dois e também nossos sonhos. Fazemos do outro uma espécie de cabide emocional, cuja missão principal é vestir perfeitamente nossa imagem idealizada do ser amado. Entretanto, para que essa tarefa seja cumprida de forma adequada, é preciso que deixemos de lado certos aspectos e particularidades do outro que não se encaixam no figurino idealizado.

À medida que o relacionamento avança e a intimidade se aprofunda, esses aspectos, que no início pareciam irrelevantes e menores, adquirem um peso maior. A paixão, fundada nas projeções inconscientes e no desejo de encontrar o outro perfeito, cede lugar então a uma realidade concreta,

na qual as pequenas ou grandes diferenças que antes eram fonte de atração se transformam em intermináveis conflitos.

Para alguns casais, talvez os menos contaminados pela ideia da alma gêmea e do amor eterno, essa é uma fase de grande riqueza e aprofundamento emocional. Ao retirar do outro as projeções que cegam e iludem, são capazes de descobrir nele um ser real, com qualidades e defeitos, características e particularidades que o tornam mais interessante, instigante e atraente. Portanto, ao abandonar a idealização e as fantasias de completude, abrem-se para a descoberta mútua, o que se mostra extremamente criativo e produtivo. As diferenças e os conflitos passam a ser vistos como uma oportunidade para o crescimento do casal e o aprofundamento da relação.

Em nosso trabalho, Luciano e eu pudemos analisar com cuidado o que de fato havia acontecido para que ele e seu companheiro pouco a pouco se afastassem e passassem a viver como dois estranhos, como ele mesmo descreveu seu relacionamento no nosso primeiro encontro. Descobrimos que, embora se amassem e se desejassem sexualmente, na verdade tinham poucas afinidades e interesses comuns. Para que o relacionamento que idealizaram desse certo, eles passaram boa parte do tempo tentando mudar a visão de mundo e os valores pessoais um do outro. Em vez de construir um projeto que atendesse as necessidades e os desejos de ambos, e no qual coubessem suas singularidades, dedicaram-se a provar, para si mesmos e para os outros, que o amor que sentiam (ou acreditavam sentir) um pelo outro seria suficiente para fazer a relação prosperar. Consequentemente, a causa do so-